

L I D O

Em, 13/09/11
DUS 12079

Assessoria de Plenário

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº PDL 086 /2011 DE 2011
(Da Bancada do PT)

Assessoria de Plenário e Distribuição

Apresentado e em seguida, à Assessoria de Plenário para análise de admissão e distribuição, observado o art. 132 do RI.

Concede Título de Cidadão Honorário a José Bartolomeu da Silva.

Em, 13/9/2011

Itamar Pinheiro

Itamar Pinheiro
Chefe da Assessoria de Plenário

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º Fica concedido o título de cidadão honorário a José Bartolomeu da Silva.

Art. 2º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

José Bartolomeu da Silva, 77 anos, paraibano de Campina Grande, pode ser considerado, com certeza, um sobrevivente. E um vencedor. Um homem simples e cheio de conhecimento. Uma criatura forjada na experiência do trabalho, da política, da vida em família. Um ser que nasceu predestinado a ver adiante de seu tempo e trabalhar pelo bem do país, sem cobrar nada em troca. Pedreiro na construção de Brasília, enfrentou o golpe de 1964. Sindicalista e fundador do PT nos períodos em que a ditadura ainda amedrontava os cidadãos comuns, mantém hoje a lucidez sobre o que é melhor para o Brasil e uma memória afiada sobre fatos importantes de nossa história nos últimos 50 anos. Se alguém merece nossa homenagem e o título de Cidadão Honorário de Brasília, esse alguém é ele.

Morador do Gama há 50 anos, muito cedo enfrentou os perigos do Rio de Janeiro com a família vinda do Nordeste após a grande seca de 1933 que assolou a região. Sobreviventes. No Rio, a família de seis irmãos morou na Rocinha por 10 anos. Pela segunda vez sobrevivente. Em 1958, com 24 anos ainda e trabalhando na construção civil para a empresa Pederneiras, foi transferido para Brasília. O salário subiu de 21 cruzeiros para 45 cruzeiros a hora. E se precisasse voltar ao Rio a passagem de avião era por conta da empresa. Não teve dúvida. Veio ajudar a construir a nova capital. Morava na Vila Planalto, como muitos dos que vieram, e onde voltou há pouco tempo para se surpreender: " Quando morei lá era poeira na seca e lama na chuva. Agora lá tem muito burguês e sobrado bonito".

Depois da inauguração de Brasília foi no Gama que conseguiu comprar um terreno ao alcance de suas economias. E é neste lote que mora até hoje. Não

ASSESSORIA DE PLENÁRIO
Recebi em 13/9/11 às 16h20
DUS 12079
Assinatura Matrícula

Sector Protocolo Legislativo
PDL Nº 86 /2011
Folha Nº 01 *Paulo*

Paulo

tinha luz nem água encanada. O transporte era precário, das três empresas que faziam a linha cada uma tinha um ônibus só que quebrava frequentemente próximo ao Catetinho. De lá para a cidade eram 40 minutos de caminhada a passos largos. Já estava acostumado.

Aposentado há dez anos, Bartolomeu nunca parou na prática de trabalhar. A vida fez o pedreiro, ladrilheiro, bombeiro e encarregado de obras se transformar em mestre de obras. Construiu sua própria casa, na frente do barraco antigo dos primeiros tempos do Gama. Só gastou com material. Lá fez tudo.

Em 1959, foi fundador e líder atuante do Sindicato da Construção Civil e do Mobiliário em Brasília, o primeiro da cidade, com sede, então, no Núcleo Bandeirante, numa época em que ser sindicalista, pensar e emitir opiniões em público era um ato que exigia coragem. Passou pelo golpe de 31 de março de 1964 e tem dele lembranças vivas.

"Para os trabalhadores brasileiros foi uma tragédia aquele dia e os anos que se seguiram. Depois que Jango colocou no papel nossas reivindicações de reforma agrária foi como um barril de pólvora. Os neoliberais e conservadores que sempre dominaram o Brasil não queriam que os trabalhadores tivessem seus direitos consolidados. Derrubaram o presidente e em protesto organizamos em Brasília uma passeata com 16 mil pessoas, o que para a população da cidade, à época, era uma multidão", lembra ele.

De memória fresca, Bartolomeu enumera os fatos como se estivesse vendo, hoje, cada passo dado naquele dia. As expressões usadas no seu relato em nada se assemelham a de um homem que interrompeu os estudos no final do primário para trabalhar: nos reunimos num espaço fechado por nós com madeirite, nas estruturas do Teatro Nacional, construção então abandonada, cheia de ratos e morcegos. Ali era nosso núcleo de conscientização. Discutíamos o que fazer para resistir. Companheiros da UNE e CGT decidimos que a passeata sairia do Minhocão Norte da UnB, passaria pela W3 Norte, seguiria pela W3 Sul, alcançaria o Eixão, para finalmente chegar à Esplanada dos Ministérios. Conseguimos nosso objetivo mas apenas parcialmente. Caminhando com milhares de bandeiras do Brasil hasteadas, já no final da W3 Sul os tanques nos receberam com tiros. Os soldados perseguiram, batiam, e prendiam as pessoas. O que acontecia com elas depois era incerto".

O homem forte se emociona ao lembrar dos que ao contrário dele não sobreviveram aos anos de ferro. "Quando naquele dia entrei na sede de nosso sindicato que havia se transferido para uma salinha bem pequena na 202 sul, nunca imaginei que seria aquele o último dia em que eu veria meu

companheiro Humberto Schetinni, presidente do Sindicato, desaparecido até hoje com outros dois companheiros nossos “.

Naquele dia ele sobreviveu mais uma vez correndo sem parar, quase dez quadras, até a 507 sul, com um policial em sua perseguição. Dei um drible nele igual Garrincha dava no campo. Tava quase morto quando vi uma porta de garagem aberta e entrei. Como sou um protegido de Deus, a dona da casa, uma sindicalista do Banco do Brasil, ao saber que eu estava na manifestação, me escondeu e fechou a porta. Eu fiquei ali igual galo de briga quando perde a luta. Cansado. Triste. Com fome. E agora pra voltar pro Gama, pensava. Não tinha dinheiro e não comia há dois dias organizando a passeata. Minha mulher tinha ficado no barraco sozinha com meu filho ainda de colo. A dona da casa me deu abrigo, comida e dinheiro da passagem. Naquele momento tiraram a nossa vez e a nossa voz. Mas a chama não acabou. Fazíamos reuniões no mato, na Ponte Alta, no Gama. Escondidos tínhamos medo. Sabíamos que eles iam prender e sumir com a gente, se nos pegassem. Mas encaramos a luta assim mesmo”.

A história de Bartolomeu passa também pela construção do PT no D.F. Ele parece uma verdadeira enciclopédia ambulante. Aceita o elogio sem pestanejar: “me considero sim porque participei de tudo”. E vai lembrando : o Figueiredo abriu espaço para a abertura mas não foi por vontade própria, foi por pressão do povo. Um dia, dentro do ônibus indo pro Gama, um professor me deu um jornal chamado Jornal Companheiro, do Sindicato dos Professores, que falava da criação de um partido para os trabalhadores e para defender os nossos direitos. Me avisou que tivesse cuidado, só mostrasse pra gente de confiança. Ficamos amigos e mais tarde foi ele quem trouxe fichas de filiação do partido. A partir daí, todo dia eu chegava em casa cansado e mesmo antes de jantar eu saía no Gama de casa em casa tentando filiar. Muitas vezes ouvi: Bartolomeu, minha casa esta aberta pra você vir conversar ou até jantar aqui, mas falar de política não, por favor. Era muito difícil. Ai a gente passou a ir nos canteiros de obra, depois nas escolas noturnas, onde acreditamos ter chance de encontrar trabalhadores mais esclarecidos. E assim, lutando com muita dificuldade, dia após dia, conseguimos o dobro das filiações exigidas por lei para o registro de novos partidos, determinado pelo Tribunal Eleitoral “.

Presidente e vice-presidente do Diretório do PT no D.F. mesmo depois de aposentado continuou por algum tempo membro do Conselho Fiscal do Sindicato da Construção Civil e sempre disposto a organizar uma greve e a sentar-se numa mesa de negociação com os patrões. Hoje, cargos de direção não quer mais. Do alto de sua experiência acha necessário dar espaço para a nova geração aprender a liderar.

m

S

Schettini

Viúvo duas vezes, não carrega tristeza no coração. Acredita que tudo o que Deus faz é certo. Evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus, religião de suas duas ex-mulheres, ele é um homem de mente aberta. Aceita todas as religiões, até porque, para ele, caminhamos todos juntos neste mundo. Acredita em destino. Acha que o de cada pessoa está traçado. "Quando vejo uma pessoa dizendo, vou comprar uma arma para minha proteção, Brasília está cheia de bandidos, eu digo: minha arma é Deus. Quem já morou na Rocinha sabe disso. Deus me criou e é ele quem me domina. Rezo todos os dias. Não tenho muito a pedir. Tenho mais a agradecer. Agradeço a Deus todos os dias por ter me dado meus filhos, José Bartolomeu da Silva Filho e Sandra do Carmo Silva, meus companheiros do sindicato e do PT, por ter me deixado viver este capítulo da história do Brasil. Agradeço por minha vida. Achava que não passava dos 50 e já tenho 77 e com saúde".

Pelo exposto, em face do valor e importância que este cidadão agregou ao Distrito Federal, principalmente na mobilização dos movimentos sociais que participou, conclamo os nobres pares desta Casa Legislativa para juntos aprovarmos a presente proposta de Decreto Legislativo.

Sala das Sessões, em de junho de 2011.


Deputado Chico Vigilante – PT

Deputado Chico Leite – PT


Deputado Patrício – PT


Deputada Rejane Pitanga – PT


Deputado Wasny de Roure – PT